O filme *Kmedeus*, do realizador cabo-verdiano Nuno Miranda, teve a sua estreia nacional esta quinta-feira, 27 fevereiro, em Mindelo e trouxe um retrato inspirado numa figura conhecida da ilha, mas sobretudo no próprio espírito da cidade.

“Ao longo do processo algumas pessoas nos questionaram se não era um pouco controverso expor a loucura desta forma. Tomamos sempre o cuidado de explicar que esta é a realidade de Mindelo e que estas pessoas fazem parte do nosso dia a dia. E a partir do momento em que estamos a fazer o documentário temos essa responsabilidade de transmitir a realidade o mais nua e crua possível” explica Nuno Miranda.

O filme é uma produção 100% cabo-verdiana, que, segundo o produtor, “vem mostrar todo o potencial que esta terra tem”.

“Quem vem a pé do Norte, chega aqui e acha que isto é Paris”, diz o escritor António Cabrita, sentado na varanda do seu apartamento em Maputo, semivazio, mas cheio de livros. A frase é dita com tristeza, mas sobretudo como conselho: é preciso sair da capital para perceber o que se passa com a educação em Moçambique.

Três dias a visitar escolas e a ouvir moçambicanos permitem perceber que há milhares de crianças que aos dez anos, com a 4.ª classe feita, não sabem ler nem escrever e que um milhão não está sequer na escola. Para não falar das aulas debaixo das árvores, das escolas sobrelotadas, das salas com 70 alunos, da média de uma hora e 41 minutos de aulas por dia, ou da fraca formação dos professores primários: com a 10.ª classe e um ano de formação psicopedagógica, qualquer pessoa recebe uma bata branca para ensinar.

Como moçambicana migrante, procuro acompanhar os desenlaces políticos no meu país e na região. Das páginas disponíveis *on-line*, uma das minhas favoritas é *Africa is a country*, um espaço de sátira à persistência de representações coloniais do continente no presente. Há alguns anos, um escritor queniano num artigo cáustico desvelou as heranças coloniais presentes em muitas descrições sobre África, sobre um continente com cerca de 1,2 mil milhões de pessoas e culturas muito diferentes entre si, e que são frequentemente tratadas como uma só, como um único país. No campeonato mundial de futebol participaram várias equipas africanas, representando vários países. Porém, na maioria das análises eram apresentadas como ‘equipas africanas’. Só que a Coreia ou o Japão não são chamados de ‘equipas asiáticas’.

adaptado de <https://www.publico.pt/2018/07/06/sociedade/opiniao/africa-e-um-pais-1836819>

O artista Francisco Vidal cola catanas e usa-as como telas para pintar retratos de figuras africanas e da diáspora. Os gestos são amplos, as linhas caligráficas, as cores expressionistas. Para este português, angolano e cabo-verdiano, “a pintura é uma arma contra a guerra e contra a desumanização”, num grito contemporâneo contra a injustiça. Na sua obra palpitam a memória e a identidade de África, lutas antigas e atuais, em formas que combinam cubismo, cultura hip-hop, graffiti e arte urbana.

“Eu acredito que qualquer gesto criativo é político” afirma o artista, que acredita que “a pintura pode ser uma arma contra a guerra”. Francisco Vidal faz parte de “uma geração de artistas e pintores angolanos muito forte” e é consciente que é preciso “um trabalho social mais ativo e mais presente”, tanto mais que muitos vivem fora de Angola.

No dia 18 de janeiro de 1936, António de Oliveira Salazar foi empossado pela terceira e última vez no cargo de Presidente do Concelho de Ministros do décimo governo da República. No país vizinho, o governo republicano preparava-se para as eleições de 16 de fevereiro. Francisco Franco foi nomeado comandante militar das Canárias, onde passou 127 dias, até assumir a liderança da insurreição nacionalista.

Estes dois homens, que haveriam de governar os dois países da península nas décadas seguintes, tinham tanto de diferente quanto de semelhante. Franco era católico e monárquico, Salazar um católico fervoroso que manteve o regime republicano intato, sem hostilizar os monárquicos. Franco gostava da vida social e do conforto material, Salazar teve uma existência recatada e poupada. Franco foi sepultado em lugar de destaque na Basílica do Vale dos Caídos (que mandou construir usando o trabalho forçado dos presos políticos), Salazar numa campa rasa na terra onde nasceu.

A região de Gabú, localizada no leste da Guiné-Bissau, está ameaçada pelo efeito das mudanças climáticas, já que neste contexto a capacidade de adaptação a estas mudanças é limitada. Este trabalho identificou os principais indicadores das mudanças climáticas e as estratégias de adaptação dos camponeses. Foram realizados inquéritos sobre as perceções dos camponeses acerca das mudanças climáticas e foram analisados dados climáticos. Segundo a perceção dos camponeses, as temperaturas tendem a aumentar e a precipitação tende a diminuir, tendo como consequências a degradação do solo, a redução da vegetação e dos recursos hídricos, secas frequentes na época chuvosa e impactos nas plantações de caju. A análise dos dados das observações meteorológicas coincide com as interpretações dos camponeses, já que ambos revelam o aumento da temperatura e a diminuição da precipitação.

adaptado do resumo do artigo de investigação científica “Indicadores das mudanças climáticas no leste da Guiné-Bissau e adaptação camponesa”, por Orlando Mendes (cfr. <http://sintidus.blogspot.com/p/artigos.html>)

Entre 1993 e 2010 tem vindo a ser efectuado um estudo etnofarmacológico em S. Tomé e Príncipe, tendo sido recolhidas, identificadas e estudadas cerca de 350 espécies de plantas medicinais e registadas mais de 1.000 receitas tradicionais. Têm vindo a ser realizados estudos fitoquímicos e farmacológicos de diversas plantas medicinais e aromáticas, com o objectivo de desenvolver substâncias com um potencial terapêutico interessante nas doenças de maior incidência na região (anti-maláricos, anti-bacterianos, anti-fúngicos). Através da recolha de informação de plantas usadas tradicionalmente, poderão integrar-se estas plantas validadas no sistema nacional de saúde. De facto, este é o caminho mais adequado para assegurar um correcto aproveitamento de plantas medicinais indígenas, documentando simultaneamente a herança cultural dos velhos terapeutas tradicionais e impedindo a perda deste notável saber.

adaptado do resumo do artigo de investigação científica “Plantas medicinais e medicina tradicional de S. Tomé e Príncipe”, por Maria do Céu de Madureira (cfr. <https://coloquiostp.wordpress.com/proceedings/>)

Noite cerrada, o telefone a tocar pouco depois das quatro da manhã, alguém que me diz que a tropa está na rua, uns minutos de espera, de ouvido colado a um velho aparelho de rádio, a voz inconfundível de Joaquim Furtado: «Aqui posto de comando do Movimento das Forças Armadas. As Forças Armadas portuguesas apelam a todos os habitantes da cidade de Lisboa no sentido de se recolherem a suas casas, nas quais se devem conservar com a máxima calma.»

No primeiro ato de desobediência a novas autoridades, que ainda nem o eram, saí imediatamente e só regressei a casa na madrugada do dia seguinte. Fui ter com amigos, reunimos máquinas fotográficas, deambulámos de carro e a pé pela cidade – horas e horas primeiro pelas ruas da Baixa, depois no Carmo até à rendição de Marcelo.